Pedro Sader Azevedo (RA: 243245)

P1 de HZ291, Turma A

**Questões, Equívocos e Riscos das Cidades Inteligentes**

Diante de constantes interações insatisfatórias com o meio urbano, que abrangem do tráfego lento à poluição sonora, as Cidades Inteligentes surgem como aparente solução para tais adversidades. Digo “aparente”, pois muito se esconde por trás do entusiasmado discurso o qual exalta metrópoles que, tecidas por cabos de rede, coletam e transmitem dados para otimizar todos os processos citadinos.

Implementar tecnologias recentes no meio urbano a fim de melhor servir seus habitantes é uma aspiração que parece inocente e até mesmo apolítica. No entanto, o escritor Rob Kitchin, em seu texto *Making sense of smart cities*, alerta que a percepção das Cidades Inteligentes como conceito não-ideológico é uma grande falácia. Afinal, o esforço de empresas privadas (entre elas Google, IBM, Cisco, Siemens e Intel) para semear essa utopia representa um audaz movimento mercadológico de expansão de suas atividades de coleta de informações para além de nossas telas.

A grande vantagem de fazer essa expansão em direção ao meio urbano é a impossibilidade de exclusão voluntária, já que é impraticável evitar a coleção de dados se a mesma é realizada pelo próprio meio em que se reside, trabalha, estuda etc. Isso é muito mais invasivo que tecnologias de consumidor, nas quais o contrato de extração de informação é selado somente no momento da compra e configura uma escolha, mesmo que frequentemente desinformada, do cliente.

Na situação hipotética da realização plena de uma Cidade inteligente, o ambiente teria mais informações dos cidadãos na mesma medida em que os cidadãos teriam menos informação do ambiente. Isso ocorreria, pois estamos tão familiarizados com as tecnologias usadas para extorquir dados (*smartphones*, redes sociais, ferramentas de busca etc) que não mais suspeitamos das mesmas. Aliás, mais que familiaridade, temos amizade: esses objetos técnicos são tão convenientes e agradáveis que a maioria de nós ignora sem medo os compromissos que derivam de usá-los. Além disso, os sistemas das Cidades Inteligentes são desenhados para evitar falhas de organização, o que alienação dos cidadãos acerca dos alicerces que mantém o ambiente urbano funcionando. Isso é consequência do clássico postulado de Susan Leigh-Star: “infraestrutura é tudo aquilo que se percebe somente quando falha”.

Esse tipo Alienação Técnica baseada em conformidade e confiança é o oposto da sugerida por Gilbert Simondon, em sua obra *Du mode d’existence des objets techniques*. Importante notar que o livro foi escrito no contexto pós-Segunda Guerra Mundial, em que o globo permanecia em choque diante dos poder destrutivo da técnica, demonstrado pelo holocausto e pelas bombas atômicos. Assim, o pensador atribuiu as principais causas da Alienação Técnica como aversão ao diferente (inclusive comparada à “xenofobia primitiva” no decorrer do texto) e fobia de hostilidade. No entanto, apenas seis décadas foram necessárias para que se invertessem as razões desse tipo de Alienação.

A última questão das Cidades Inteligentes que será tratada nesse texto é a falácia de universalidade, isto é, a crença de que um único padrão de informatização pode servir sem comprometimentos qualquer concentração urbana do mundo. Isso se alinha ao Modelo de Sistema Viável, de Stafford Beer, cujas principais características são auto-conserto (expresso pelo sistema de uma Cidade Inteligente que automaticamente aloca recursos para resolver quaisquer crises na sua área de influência) e aplicabilidade absoluta.

Esse pensamento deixa de lado, no entanto, os muitos aspectos que singularizam comunidades de pessoas ao redor do globo: passado, cultura, topografia, língua, religião, demografia, culinária e muitos outros. Além disso, nem tudo que habita uma cidade é passível de medida, armazenamento e análise. Vendas de camelô, murais de grafite, manifestações em protesto, música e dança de rua são só alguns dos vívidos elementos da cenário urbano dos quais não se pode fazer um *cloud backup*.

Mesmo que limitado em muitos aspectos e frequentemente carregado de intenções pouco óbvias, o conceito de Cidade Inteligente é genuinamente poderoso e capaz de nos fazer sonhar com verdadeiras utopias tecnológicas. Mesmo em face desse encanto, é importante resistir à perfeição aparente dessa ideia e perceber as desvantagens que a cercam.